

ANTÓNIO DUARTE SANTOS
SANDRA RIBEIRO

MICRO ECONOMIA

Exercícios Propostos e Resolvidos

Exercita e testa os teus conhecimentos.
Prepara-te para provas de avaliação!



2ª Edição
Revista e Aumentada


EDIÇÕES SÍLABO

*«Let's work, be proud
Stand tall, touch the clouds
Man and woman, be free
Let's work, kill poverty.»*

Mick Jagger

Primitive Cool (Let's Work lyrics), 1987

Microeconomia

Exercícios Propostos e Resolvidos

ANTÓNIO DUARTE SANTOS
SANDRA RIBEIRO

2ª EDIÇÃO
Revista e Aumentada

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

FICHA TÉCNICA:

Título: Microeconomia – Exercícios Propostos e Resolvidos

Autores: António Duarte Santos, Sandra Ribeiro

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

Imagem da capa: © Pablo Scapinachis | Dreamstime.com

1ª Edição – Lisboa, janeiro de 2017

2ª Edição – Lisboa, outubro de 2020

Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

Depósito Legal: 474936/20

ISBN: 978-989-561-132-4



EDIÇÕES SÍLABO, Lda.

Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Nota dos autores	11
Prefácio	15

Introdução

A natureza da ciência económica

0.1. Uma introdução à essência da teoria económica	21
0.2. O âmbito da ciência económica	23
0.3. Normas de bem-estar e economia positiva	25
0.4. A metodologia da economia	27
0.5. As características gerais dos modelos económicos	28

Capítulo 1

Conceitos e fundamentos económicos

Síntese teórica	33
1.1. Conceitos económicos	37
1.2. Temas para revisão teórica	38
1.3. Questões de escolha múltipla	39
1.4. Problemas práticos	42

Capítulo 2

O funcionamento da economia

Síntese teórica	49
2.1. Conceitos económicos	53
2.2. Temas para revisão teórica	54
2.3. Questões de escolha múltipla	55
2.4. Problemas práticos	57

Capítulo 3

Interdependência económica: vantagem absoluta e vantagem comparativa

Síntese teórica	65
3.1. Conceitos económicos	68
3.2. Temas para revisão teórica	69
3.3. Questões de escolha múltipla	69
3.4. Problemas práticos	72

Capítulo 4

Procura e oferta individual. Procura e oferta de mercado

Síntese teórica	79
4.1. Conceitos económicos	81
4.2. Temas para revisão teórica	82
4.3. Questões de escolha múltipla	82
4.4. Problemas práticos	84

Capítulo 5

Elasticidades

Síntese teórica	89
5.1. Conceitos económicos	93
5.2. Temas para revisão teórica	93
5.3. Questões de escolha múltipla	94
5.4. Problemas práticos	95

Capítulo 6

A teoria da escolha do consumidor

Síntese teórica	101
6.1. Conceitos económicos	103
6.2. Temas para revisão teórica	104
6.3. Questões de escolha múltipla	104
6.4. Problemas práticos	106

Capítulo 7

O comportamento da empresa e os custos de produção

Síntese teórica	115
7.1. Conceitos económicos	117
7.2. Temas para revisão teórica	118
7.3. Questões de escolha múltipla	119
7.4. Problemas práticos	121

Capítulo 8

Consumidores, produtores e eficiência dos mercados

Síntese teórica	129
8.1. Conceitos económicos	131

8.2. Temas para revisão teórica	132
8.3. Questões de escolha múltipla	133
8.4. Problemas práticos	136

Capítulo 9

Mercado e bem-estar social

Síntese teórica	145
9.1. Conceitos económicos	147
9.2. Temas para revisão teórica	148
9.3. Questões de escolha múltipla	149
9.4. Problemas práticos	151

Capítulo 10

Externalidades e bens públicos

Síntese teórica	157
10.1. Conceitos económicos	159
10.2. Temas para revisão teórica	160
10.3. Questões de escolha múltipla	161
10.4. Problemas práticos	162

Capítulo 11

Os mercados em concorrência perfeita

Síntese teórica	167
11.1. Conceitos económicos	170
11.2. Temas para revisão teórica	171
11.3. Questões de escolha múltipla	172
11.4. Problemas práticos	174

Capítulo 12

O mercado de monopólio

Síntese teórica	181
12.1. Conceitos económicos	183
12.2. Temas para revisão teórica	183
12.3. Questões de escolha múltipla	184
12.4. Problemas práticos	187

Capítulo 13

Os mercados de concorrência imperfeita: oligopólio e concorrência monopolística

Síntese teórica	195
13.1. Conceitos económicos	197
13.2. Temas para revisão teórica	198
13.3. Questões de escolha múltipla	199
13.4. Problemas práticos	201

Capítulo 14

Mercados dos fatores de produção

Síntese teórica	213
14.1. Conceitos económicos	215
14.2. Temas para revisão teórica	216
14.3. Questões de escolha múltipla	217
14.4. Problemas práticos	219

Resoluções

Capítulo 1	227
Capítulo 2	229
Capítulo 3	233
Capítulo 4	236
Capítulo 5	238
Capítulo 6	239
Capítulo 7	242
Capítulo 8	245
Capítulo 9	247
Capítulo 10	249
Capítulo 11	250
Capítulo 12	252
Capítulo 13	255
Capítulo 14	257

Bibliografia

261

Nota dos autores

Eis chegados à segunda edição do livro sem fugir do seu âmbito preliminar inicial. Introduzimos acrescentos em vários capítulos iniciais, ajustes e afinações no que à sua abrangência diz respeito. O principal objetivo do livro possuiu e mantém, na sua essência, a sua neutralidade de abordagem usual, procurando ser um manual introdutório de apoio aos estudantes e a quaisquer estudiosos do processo inicial da abordagem às discussões e aos assuntos microeconómicos. Relativamente à primeira edição, e na senda de procurar seguir os conteúdos programáticos normalmente utilizados nas unidades curriculares de Microeconomia e nos livros de Introdução à Economia, o caminho manteve-se. Fizemos alterações que, a nosso ver, tornam o livro mais completo na sua utilização.

Em primeiro lugar, incluímos no livro um capítulo que aborda a teoria da vantagem absoluta e da vantagem comparativa, até porque a lógica de pensamento é similar ao comércio internacional e à compreensão do conceito de custo de oportunidade. Logo, às escolhas e decisões dos indivíduos. A ligação entre a matemática e a economia nasceu da carência humana de contar e apontar para os humanos sobreviverem desde os primórdios do Homem. A acumulação de bens e serviços tinha e tem de ser trocada ou transacionada entre sociedades mais ou menos distantes. Os incentivos ao desenvolvimento das atividades mercantis foram originados pelo comércio internacional que, por sua vez, foi evoluindo e aperfeiçoado ao longo do tempo através da formação dos preços. Por exemplo, o registo das quantidades transacionadas interna ou externamente são necessárias contabilizar e registar, tais como o seu valor monetário, o tempo a serem produzidas e os impostos a suportar. Tudo é complementar, o que torna o exercício da simplificação teórica mais exigente porque, afinal, nenhum tema se esgota.

Em segundo lugar, desdobramos em dois o capítulo da Procura Individual, Procura de Mercado e Elasticidades. Um capítulo para os pressupostos e o estudo da função de procura. O outro focando-se no tratamento do conceito de elasticidade que vistos separadamente tornam a matéria mais estendida na sua compreensão, sobretudo para aqueles que estão menos familiarizados com estas matérias. Uma coisa é a trajetória das curvas de procura, seja por via da variação dos preços, seja

pelo efeito das alterações do rendimento individual. Outro aspeto mais concreto de analisar são as curvaturas das curvas de procura ao longo da sua trajetória se a mesma não for linear ou constante. As curvas de procura de um bem ou serviço relacionam as quantidades adquiridas ao preço de mercado, assumindo como constantes o rendimento monetário e os preços nominais dos outros bens e serviços. Daí que a denominada lei da procura tenha normalmente inclinação negativa. Aos economistas interessa, ao nível introdutório, explorar a relação entre duas variáveis, tal como a relação entre o preço de um bem e as quantidades adquiridas. A elasticidade da procura mede a variação relativa da quantidade procurada de um bem ou serviço em relação ao seu preço ou ao rendimento do consumidor, *ceteris paribus*, isto é, mantendo todas as outras variáveis constantes ou isoladas. O entendimento do conceito e do cálculo das elasticidades são imprescindíveis do ponto de vista teórico e prático para entender o comportamento racional dos agentes económicos, sejam pessoas, empresas, instituições financeiras, o Estado ou o resto do mundo.

Por fim, melhorámos alguns capítulos do livro e procedemos a correções e lapsos que haviam passado na primeira edição, nomeadamente com base na utilização do livro enquanto manual base para a resolução de exercícios práticos e em sugestões que vários leitores, estudantes e colegas nos transmitiram. Estão incluídas respostas e soluções às questões colocadas em cada capítulo que procuram, tal como na tiragem anterior, ilustrar os conceitos e as metodologias mencionadas ao longo do livro. Todos merecem o nosso sincero enaltecimento.

Os agentes económicos vivem em espaços sociais relativamente organizados com comportamentos análogos. Os seus desempenhos sociais são de profunda conveniência de perceção e estudo por parte de economistas e de outros cientistas do comportamento. As pessoas que tomam decisões estereotipadas do arquétipo do egoísmo são catalogadas de *Homo Economicus* ou «Homem Económico» (Donário *et al.*, 2017), ou ainda, o «Humano Económico». Os seus comportamentos não incluem as emoções e os sentimentos subjetivos como, por exemplo, devolver uma carteira perdida ao seu dono ou contribuir voluntariamente para instituições de solidariedade social (Frank, 2006). Os custos e benefícios materiais de cada pessoa são, na sua maioria, o foco na análise económica. Daí se poder afirmar, sem grande perigo de errar, que as pessoas assumem decisões racionais como resultado das suas motivações egoístas em certos momentos ou situações específicas.

As decisões tomadas partem de escolhas que, após tomadas, exigem dedicação, esforço e exigência. As decisões são tomadas com base na racionalidade individual. Uma breve introdução teórica em cada capítulo cremos ser útil para os estudantes e leitores, tal como proferimos na primeira edição. As soluções aos problemas e às questões apresentadas pretendem fornecer uma orientação aos leitores, não ambi-

cionando como absoluto que algumas das respostas sejam completas ou perfeitas. No caso particular dos alunos, numa prova de avaliação um estudante deve usualmente desenvolver mais as respostas com uma argumentação teórica sustentada, por vezes sem cálculos, no suporte gráfico ou na utilização de fórmulas matemáticas compreensíveis em função da pretensão e metodologia de avaliação decidida pelos docentes. Os autores de livros introdutórios têm um amplo grau de discricionariedade. O núcleo central da ciência económica é muito vasto. Ao tentarmos ser perceptíveis para abranger o maior número de leitores e sobretudo entusiasmar quem é discente ou potenciais discentes, chegamos a um ponto em que temos de nos sustentar e ficarmos pelos tópicos essenciais que os autores avaliam como essenciais (Mankiw, 2020). Na divisão tradicional e corrente do ensino da Economia entre Microeconomia e Macroeconomia, muito fica por transmitir. As constantes novas abordagens da ciência económica e a duração limitada para fazer passar o conhecimento dos tópicos, todos eles importantes, limitam, ao mesmo tempo, as escolhas dos docentes. A agilidade e a capacidade dos docentes está em gerir a transmissão do conhecimento em função da plateia de estudantes e do auditório de leitores que, como sabemos, são obrigados a interiorizar uma aprendizagem, que se ambiciona ser qualificada, dos assuntos de acordo com o curso e com a formação e o nível de conhecimento que pretendem obter. Daqui decorre naturalmente a importância de qualquer livro deste género ser complementado por uma bibliografia.

A organização do livro passa a ser composta por catorze capítulos, em vez dos anteriores doze, com as necessárias adaptações dos exercícios. Aos destinatários esperamos que vos ajude a entender um pouco mais de economia na sua abordagem trivial e quotidiana, neste caso incidindo sobre os temas da Microeconomia. O intuito da obra acaba por ser a compreensão do que é a Microeconomia como ferramenta para compreender a realidade envolvente ao alicerce da tomada de decisões que todos nós diariamente concebemos, mas de forma informada e consciente. As decisões envolvem renúncias ou, de outro modo, sacrifícios de outras alternativas. A noção de custo de oportunidade é indispensável compreender e ter presente para o resto da vida. Tanto envolve escolhas pessoais, como nacionais ou empresariais porque os recursos são escassos. Se algum recurso não for escasso não haverá custo de oportunidade, o que é o mesmo que assegurar que seria nulo. Nesse caso extremo estaríamos na presença de um bem livre (Carvalho; 2014: 40). Regra geral, ou quase total, é que o valor do custo de oportunidade é positivo. A economia individual, empresarial e estatal é alicerçada na Microeconomia. A Microeconomia serve para promover a compreensão das técnicas de comportamento e das decisões racionais, sejam elas individuais, empresariais e da gestão da administração pública. A constatação dos comportamentos maximizadores ou otimizadores são prova disso porque exprimem preferências, vindas do consciente ou do subcons-

ciente, da realização empresarial ou de opções imanadas do poder político. Assim, cada um dos agentes económicos poderá julgar o seu nível de realismo.

O estilo de escrita permanece livre, tal como na primeira edição, mas subsiste o conselho de uma leitura ou estudo antecipado da matéria teórica. Para atingir este desiderato conta igualmente o requinte de ensino dos docentes. Esta menção serve para incentivar os estudantes e leitores em geral a tentarem refletir, calcular e responder de forma autónoma antes de recorrerem às soluções ou às pistas para as resoluções das questões e problemas apresentados.

Que o livro possa ser útil à gestão da vida diária de cada leitor e à sua motivação que desejamos ser permanente ou, pelo menos, com poucos momentos de descontinuidade ao longo da vida.

Lisboa, julho de 2020.

Prefácio

Foi-me solicitado, pelos autores, António Duarte Santos e Sandra Ribeiro, que fizesse o prefácio para esta 2ª edição do livro, que agora é publicado, o que aceitei com muita satisfação.

Este prefácio permite-me que exponha, de forma muito breve e condensada, algumas ideias que tenho quanto à Economia como uma das ciências sociais, em alguns aspetos diferentes do que é seguido maioritariamente, com base no que designo como o modelo neoclássico, e que tem assento, de forma quase unânime, no ensino da maioria dos estabelecimentos do ensino superior.

Toda a vida dos seres humanos se desenvolve de forma holística, pelo que o sistema social é composto por subsistemas inter-relacionados, que se relacionam reciprocamente, de forma sobredeterminada, dado que o indivíduo não atua compartimentadamente.

A economia, como uma ciência social, estuda o comportamento dos seres humanos que têm objetivos que pretendem atingir e propósitos conscientes, integrados no sistema social, não atuando deterministicamente – como se verifica com os entes que não têm um propósito e que são objeto das ciências naturais – dado que as suas ações e decisões são função quer da razão quer de fatores biológicos e emocionais bem como das circunstâncias, tendo, pelo menos dentro de certos limites, livre arbítrio para se determinarem em qualquer situação, o que torna a previsibilidade da economia, como ciência social, muito incerta.

Com efeito, o poder das previsões é elevado nas ciências naturais, mas numa ciência social como a Economia, onde existe uma infinidade de variáveis determinando o comportamento humano - muitas das quais são impossíveis de controlar – as conclusões das previsões dos modelos económicos são sempre inconclusivas.

A maioria dos modelos económicos utilizados tem por fundamento muitas vezes pressupostos e hipóteses irrealistas que são cercadas por pressupostos auxiliares, a

que Lakatos denomina de «cinto protetivo» (*protective belt*)¹, que previnem essas hipóteses de serem refutadas. Entre esses pressupostos auxiliares podem destacar-se: que as variáveis de controlo são selecionadas; que são medidas corretamente; que as falhas estatísticas são adequadamente corrigidas e que não existem erros nos cálculos.

Esses modelos económicos fundamentam-se num mundo abstrato, ideal, que não existe, onde tudo funciona em equilíbrio perfeito através do mercado, num ótimo de Pareto, não tomando em consideração os diferentes contextos, como sejam os contextos culturais, sociais, históricos ou religiosos. Mas sem ter em conta o contexto, as circunstâncias, não se pode estudar o comportamento humano.

A vida do ser humano desenvolve-se, constantemente, num ambiente de risco e incerteza pelo que, em consequência, é necessário ter consciência de que os resultados obtidos com os modelos económicos, dos mais simples aos mais complexos, não podem ser considerados como expressando a realidade na sua essência, como se a vida humana se desenvolvesse deterministicamente, considerando os humanos como semelhantes aos átomos, significando que não são influenciáveis pelos outros seres humanos e circunstâncias, atuando apenas racionalmente, de modo a desenvolver a ciência económica como se de uma ciência natural se tratasse, transformando o humano no que é conhecido como *homo economicus*, assente no determinismo que considera que, dados certos antecedentes, apenas um resultado é possível.

O que acabámos de referir constitui, apenas, a expressão resumida da consciência que, em nosso entender, devemos ter, nomeadamente os estudantes que iniciam o seu estudo nesta ciência social, a economia, de que as soluções apresentadas decorrentes dos modelos assentam em premissas de racionalidade, preferências ou gostos estáveis, conhecimento perfeito e otimização - quer pelos indivíduos como consumidores que buscam a maximizando a sua utilidade, quer pelas empresas que têm como objetivo a maximização do lucro, sujeitos às restrições orçamentais e de custos, respetivamente, mas existem outras restrições de natureza ética e moral - que são características dos modelos desenvolvidos desde o século XIX, como tentativa de tornar a economia numa *hard* ciência, se não idêntica, pelo menos semelhante às ciências naturais, sobretudo, da física e da química.

O progresso científico que tem vindo a ocorrer nas últimas décadas quanto ao estudo do comportamento humano, nomeadamente na neurociência, na psicologia e na economia comportamental, não tem sido integrado, de forma sistemática, no

(1) Lakatos, I. (1978), *The Methodology of Scientific Research Programmes: Philosophical papers*, vol. 1, ed. J. Worrall and G. Currie, Cambridge: Cambridge University Press.

estudo da Economia nas escolas e, conseqüentemente, no que concerne às escolhas e comportamentos do ser humano, conhecimentos que têm vindo a pôr em questão muitos desses axiomas normativos e, por conseguinte, as previsões que decorrem da teoria económica dominante.

As circunstâncias têm uma influência determinante nas decisões dos indivíduos, dentro do espetro entre o estado *cold* (neutro) e o estado *hot* (excitação) que alteram completamente as escolhas dos indivíduos consoante o estado em que se encontram, o que põe em causa os axiomas normativos da independência e da transitividade, em que se baseia a teoria económica dominante, levando à reversão das preferências (gostos) e a comportamentos que se desviam, de forma sistemática, do preconizado pela teoria económica dominante.

Porém, é necessário ter em consideração, no estudo da Economia, que à luz do conhecimento atual, o ser humano não atua deterministicamente. As suas ações e comportamentos, as suas escolhas são determinadas não só pela razão, mas são, também, profundamente influenciadas pelos fatores biológicos, emocionais e circunstanciais, não seguindo, na maioria das vezes, os comportamentos previstos pelos modelos fundamentados em axiomas formulados normativamente, com destaque para os axiomas da comparabilidade, da independência e da transitividade.

O que antes referimos tem como objetivo evidenciar que todos os que estudam as ciências sociais, em especial a Economia, têm de ter consciência da sua falibilidade, dada a ausência de determinismo quanto ao comportamento humano.

Quanto à 2ª edição do livro que agora é publicada, *Microeconomia – Exercícios Propostos e Resolvidos*, dos autores António Duarte Santos e Sandra Ribeiro, com larga experiência no âmbito da matéria que é o foco deste livro, para além do seu conhecimento em outros âmbitos da Economia, queremos enfatizar a sua importância para todos que iniciam os seus estudos no âmbito da Economia.

O livro contém uma breve introdução, intitulada «A natureza da ciência económica», que permite uma visão geral, de forma resumida, das várias questões essenciais no âmbito da Economia.

Cada capítulo inicia-se com claras exposições sobre a teoria, princípios ou informação base. Seguem-se as questões que podem ser de escolha múltipla ou descritivas, incluindo a sua explicitação por expressões analíticas. Os problemas resolvidos servem como ilustração da aplicação da correspondente teoria, permitindo o aprofundamento da teoria e, conseqüentemente, a aprendizagem efetiva.

Em conclusão, as matérias objeto deste livro, agora na sua 2ª edição aumentada, constituem um elemento essencial para o estudo da economia, embora na parte que é normalmente designada como Microeconomia.

A situação que o mundo está a viver com a pandemia do Coronavírus evidencia a incerteza em que o ser humano vive, onde as previsões dos modelos são infirmadas por acontecimentos que não podem ser previstos com base nas projeções probabilísticas.

O ser humano aspira a certezas ou, pelo menos a certezas probabilísticas, cujas probabilidades são, na maioria dos casos, probabilidades frequentistas que se baseiam no histórico e daí, fazendo inferências para o futuro, como se o ser humano fosse determinístico.

O estudo das questões postas neste livro permite aos leitores colocar muitas interrogações sobre o comportamento humano, constituindo um passo na busca de maior conhecimento, pelo que os autores merecem o nosso reconhecimento pelo trabalho que tiveram e ao dar-nos a possibilidade de nos interrogarmos sobre o conhecimento científico, que é sempre provisório.

Lisboa, Abril de 2020.

Arlindo Alegre Donário

Introdução

A natureza da ciência económica

«Defendo que não há nada de errado na típica metodologia económica descrita no primeiro capítulo de quase todos os manuais de teoria económica: o que está errado é os economistas não cumprirem o que pregam.»

Mark Blaug

(1994)

0.1. Uma introdução à essência da teoria económica

A vida humana pressupõe a existência de, pelo menos, bens materiais. A vivência em sociedade configura, na sua universalidade, fenómenos sociais dinâmicos com origem no ser humano. Pela sua própria condição, o Homem é um ser de necessidades, mas também o único capaz de ter consciência dessas necessidades, capaz de atos conscientes para a satisfação das mesmas.

Os processos decorrentes destas necessidades revelam-se, em primeiro lugar, através de impulsos específicos, aquilo a que chamamos «desejos», mais ou menos delimitados e intensos. Estes desejos determinam a procura de meios capazes de os satisfazer. Por sua vez, essa procura exige tempo e esforço para conquistar os referidos meios e esforços para os deter e utilizar. Na fase posterior, quando os desejos são satisfeitos, o Homem atinge um nível de satisfação (ou de dor, no caso contrário). Este sentido de utilidade como um conjunto de coisas úteis são chamadas bens. Para já, interessam-nos os bens económicos, ou seja, aqueles que exigem tempo e esforço para os obter.

A essência principal da ciência económica é a preocupação com a satisfação destas necessidades, para as quais necessita de bens e serviços, que para serem produzidos dependem da utilização de recursos. A escassez destes recursos constituiu o problema económico.

Neste seguimento, o objetivo da Economia consiste no estudo do conjunto de meios que permite produzir e distribuir bens e serviços em quantidade sempre mais elevada, com qualidade continuamente melhorada e numa escala cada vez mais vasta. Ao longo da História o escoamento destes fluxos de bens e serviços e os movimentos cíclicos da produção e da distribuição foram, e continuam a ser, dependentes de determinados centros de decisão. Este termo faz, por si só, realçar a existência de conflitos, mediações, relações de força, arbitragens, domínio de grupos ou setores e, em última instância, da própria disputa do poder político, social ou económico.

A Economia é uma ciência social que estuda o modo como os recursos raros são utilizados para a satisfação das necessidades e desejos das pessoas que vivem em sociedade. O termo *economia* deriva do grego *oikonomia*: de *oikos*, que significa *casa* e de *nomos*, que significa a *lei*, as *regras*, os *costumes*. Segundo Capul (2005: 82), «etimologicamente, a economia ensinava, portanto, as regras de conduta em casa», afirmando ainda a sua «contraposição à política, cujo objetivo era a gestão da cidade» (Capul, 2005: 82). Podemos, assim, afirmar que a Economia é metaforicamente o conjunto de regras do comportamento doméstico. A atividade inerente

a este comportamento implica gerir corretamente os bens, evitando desperdícios e despesas inúteis. Com o tempo, este comportamento passou da casa para o Estado, ou seja, alargou-se à sociedade no seu todo, embora esta seja um conjunto divisível.

Assim se passou a ter um grupo mais ou menos vasto de definições sobre o que é a Economia, da qual apresentamos a que foi dada por aquele que foi um dos grandes economistas de todos os tempos, Alfred Marshall¹:

«A Economia estuda a humanidade, como vive, como se movimenta e como pensa no âmbito das atividades do dia-a-dia. No entanto, a sua principal preocupação são os motivos que afetam grave e continuamente a conduta da humanidade em termos da gestão da sua vida diária.»

Com o alargamento do conceito de Economia ao comportamento de toda a sociedade humana, ela passou a ser entendida como a produção de bens e serviços que permite a satisfação das necessidades dos indivíduos. Pela raridade ou escassez destes bens e serviços, a sua produção acarreta limitações e a sua afetação levanta muitos problemas.

A ideia de escassez é, como se depreende, essencial para definir a atividade económica. O facto de os recursos serem raros sustenta a existência da ciência económica. A escassez implica opções, escolhas. A Economia é a ciência das escolhas ou opções. Estas são ótimas devido ao comportamento das pessoas: tentam obter o máximo de satisfação, utilidade ou proveito com o mínimo de esforço ou recursos possível. Daí que se afirme que os vários agentes económicos são racionais, porque fazem avaliações quando tomam as melhores opções.

A Economia preocupa-se com os indivíduos e com os grupos de indivíduos que qualifica como agentes económicos. As relações entre os vários agentes económicos fazem parte do processo económico que se desenrola dentro de uma determinada área geográfica. Estes definem-se pela sua personalidade jurídica. No caso de uma empresa, o economista atribui todas as decisões ao agente económico «empresa», mesmo sabendo que esta é constituída por várias pessoas que decidem, cada uma no seu setor ou área da organização: financeira, fornecedores, recursos humanos, comercial, aprovisionamento, estratégia, administrativa, fabrico, distribuição, património, etc. Igualmente, uma «família» é considerada um agente económico quer seja formada por uma ou mais pessoas. Não interessa ao economista o modo como o consumo é distribuído, assim como se desinteressa do que se

(1) «*Economics is a study of men as they live and move and think in the ordinary business of life. But it concerns itself chiefly with those motives which affect, most powerfully and most steadily, man's conduct in the business part of his life.*» (Marshall, 1890: 14). Frase retirada da 8ª edição desta obra (Livro I, Capítulo II), que é considerada pela editora como a sua versão mais usada e citada.

António Duarte Santos. Doutor em Economia. Mestre em Gestão e Administração Pública. Pós-Graduado em Gestão Bancária. Professor da Universidade Autónoma de Lisboa. Investigador do CARS – Centro de Análise Económica de Regulação Social. Membro da ENHR – Rede Europeia de Investigação sobre Habitação. Sócio da ASEPELT – Associação Internacional de Economia Aplicada. Membro da AEA – Associação Americana de Economistas. Membro Associado do Instituto de Política Pública (IPP). Associado da SEDES – Associação para o Desenvolvimento Económico e Social. Membro Associado da APM – Associação Portuguesa de Management. Associado do Movimento Internacional Lusófono (MIL).

Sandra Ribeiro. Doutora em Economia pela Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), mestre em Economia Monetária e Financeira pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) e licenciada em Economia pela UAL. É docente na Universidade Autónoma de Lisboa desde 1999, professora adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL) desde 2014 e formadora desde 2003. Assessora de Direção do Departamento de Ciências Económicas e Empresariais e membro do Conselho Pedagógico da UAL. Investigadora integrada no Centro de Investigação OBSERVARE – Observatório de Relações Exteriores da UAL. Tem diversos artigos científicos publicados em revistas científicas internacionais, livros e capítulos de livros, apresentações e publicações em congressos, conferências e seminários. Revisora de diversas publicações científicas nacionais e internacionais. Membro da AEA (American Economic Association), sócia da ASEPELT (Asociación Internacional de Economía Aplicada) e da AEDEM (European Academy of Management and Business Economics).

“ Quanto à 2ª edição do livro que agora é publicada, *Microeconomia – Exercícios Propostos e Resolvidos*”, dos autores António Duarte Santos e Sandra Ribeiro, com larga experiência no âmbito da matéria que é o foco deste livro, para além do seu conhecimento em outros âmbitos da Economia, queremos enfatizar a sua importância para todos que iniciam os seus estudos no âmbito da Economia.

O livro contém uma breve introdução, intitulada «A natureza da ciência económica», que permite uma visão geral, de forma resumida, das várias questões essenciais no âmbito da Economia.

Cada capítulo inicia-se com claras exposições sobre a teoria, princípios ou informação base. Seguem-se as questões que podem ser de escolha múltipla ou descritivas, incluindo a sua explicitação por expressões analíticas. Os problemas resolvidos servem como ilustração da aplicação da correspondente teoria, permitindo o aprofundamento da teoria e, conseqüentemente, a aprendizagem efetiva.

Em conclusão, as matérias objeto deste livro, agora na sua 2.ª edição aumentada, constituem um elemento essencial para o estudo da economia, embora na parte que é normalmente designada como Microeconomia. ”

Arlindo Alegre Donário
In Prefácio



MICRO ECONOMIA

Exercícios Propostos e Resolvidos

ISBN 978-989-561-132-4



9 789895 611324

538